

Há uma fotografia minha. A minha prima mais velha está a abraçar-me no fim de semana do meu batismo. Eu ainda era um bebé e usava um longo vestido de cetim branco. Estamos sentadas num sofá coberto de plástico, em Nova Iorque. Na fotografia, a minha prima é mais velha, talvez cinco ou seis anos. Eu estou a contorcer-me com uma raiva infantil sem sentido, os meus membros em ângulos estranhos.

Estou grata por existirem tantas fotografias da minha infância, porque há tanta coisa que já esqueci de uma forma ou outra.

Há anos e anos da minha vida dos quais não me consigo lembrar de nada. Um membro da família pode dizer: «Lembras-te do tempo em que [inserir momento familiar significativo]», e eu fico a olhar fixamente para ele, sem recordação alguma desses momentos. Temos uma história comum e, no entanto, não temos. De muitas formas, esta é a melhor maneira de descrever a minha relação com a minha família e com quase toda a gente na minha vida. Há a vida fantástica que partilhamos e as partes mais difíceis da minha vida que não partilhamos e que eles pouco conhecem. Não há motivo nenhum para o que consigo ou não recordar. Também é difícil explicar esta ausência de memória porque há momentos da minha infância que recordo como se tivessem sido ontem.

Tenho uma boa memória. Lembro-me de conversas com amigos quase palavra por palavra, mesmo anos depois de terem ocorrido. Lembro-me de como o cabelo da minha professora da quarta classe era

loiro platinado ou de como me meti em sarilhos por estar a ler na aula, na terceira classe, porque estava aborrecida. Lembro-me do casamento da minha tia e do meu tio em Port-au-Prince e de como o meu joelho inchou como uma laranja depois de ter sido picada por um mosquito. Lembro-me de coisas boas. Lembro-me das coisas más. Mas quando tenho de o fazer, consigo desnudar a minha memória, e já o fiz, por vezes, quando esse apagamento era necessário.

Tenho álbuns de fotografias da casa dos meus pais, todos repletos de fotografias desvanecidas dos meus dois irmãos e de mim quando éramos muito novos. Isto foi antes da era digital e, mesmo assim, parece que quase todos os momentos da minha vida foram fotografados, e depois cada fotografia foi revelada e meticulosamente arquivada. Cada álbum tem um número grande e um círculo à volta desse número. Em muitos dos álbuns há breves notas com nomes, idades, locais. É como se a minha mãe soubesse que estas memórias tinham de ser preservadas por algum motivo. Criou-me a mim e aos meus irmãos com uma vontade férrea e com a sua própria graça. A ferocidade do seu amor e devoção por nós é avassaladora, e essa ferocidade apenas se torna mais forte à medida que envelhecemos. Quando eu era criança, a minha mãe guardava estes álbuns numa fila ordenada e sequencial e, quando um álbum ficava cheio, ia comprar outro e preenchia-o também.

A minha mãe tentou preencher alguns dos espaços em branco da minha infância, mesmo sem dar conta de que o estava a fazer. Lembra-se de tudo, ou assim parece, ou assim foi até eu ter ido para um colégio interno, aos treze anos, e depois não havia ninguém que guardasse as minhas memórias por mim.

A minha mãe ainda tira fotografias de tudo e tem mais de vinte mil fotografias no seu Flickr, fotografias da sua vida e das nossas vidas e das pessoas e lugares das nossas vidas. Na minha defesa de doutoramento, lá estava ela, a olhar para mim com tanto orgulho, pegando de vez em quando na câmara para tirar uma nova fotografia, para captar todos os segundos possíveis do meu momento. Numa leitura do meu romance em Nova Iorque, lá estava ela outra vez com a sua máquina fotográfica, a tirar fotografias, documentando outro momento memorável.

As pessoas reparam muitas vezes que eu tiro fotografias de tudo e mais alguma coisa. Digo que o faço para não me esquecer, para não me esquecer de todas as coisas fantásticas que vejo e experiencio. Não explico que as memórias são mais importantes para mim agora que a minha vida parece diferente. Mas é mais do que isso. São infinitas as formas pelas quais sou filha da minha mãe.

A capa do meu álbum de bebé é branca com manchas de purpurina por todo o lado. Na capa, está escrito: «É uma menina!» Na primeira página deste álbum, encontram-se os nomes dos meus pais, a minha data de nascimento, a minha altura e peso, a cor do cabelo e dos olhos. Há duas marcas pretas dos meus pés de bebé com as palavras «Menina Gay» escritas por cima. Nasci às 7h48 da manhã, razão pela qual, tenho a certeza, não sou uma pessoa matinal. Há linhas em branco para «memórias emocionantes na vida do bebé», e todas essas linhas foram preenchidas com os meus primeiros pequenos feitos. Ao que parece, li o alfabeto aos dois anos e meio e aos três já sabia ver as horas. A minha mãe escreveu com orgulho: «Lê quase tudo aos cinco anos.» Estas são as suas palavras exatas, escritas com a sua caligrafia elegante, embora a tradição familiar me diga que li o jornal com o meu pai cerca de um ano e meio antes disso.

Durante os primeiros cinco anos da minha vida, a minha mãe registou a minha altura e o meu peso. Eu tinha uma cabeça grande e triangular, algo típico dos primogénitos. A minha mãe diz que passou horas a alisar a minha cabeça de recém-nascida para que ficasse com uma forma mais redonda. Há um registo do meu nascimento no *Omaha World-Herald*, publicado em 28 de outubro de 1974, treze dias depois do meu aniversário, e a secção recortada do jornal está guardada nesse álbum juntamente com a minha certidão de nascimento original e o pequeno cartão que colocaram no meu berço no hospital. A minha mãe tinha vinte e cinco anos e o meu pai vinte e sete, portanto, jovens, mas, tendo em conta a época, não tão jovens como muitas pessoas eram quando constituíam família. O meu nome está escrito de forma correta na minha certidão de nascimento, com um *n*, e o documento é cor-de-rosa. Nessa altura, não existia uma

compreensão cultural diferenciada do gênero — as raparigas eram cor-de-rosa e os rapazes eram azuis e pronto.

Na primeira fotografia da minha mãe e de mim juntas, ela está a abraçar-me e o seu cabelo preto está a cair-lhe pelas costas num rabo de cavalo grosso. Parece incrivelmente jovem e bonita. Eu tenho três dias de idade. Na verdade, esta não é a primeira fotografia de nós juntas. Há uma fotografia da minha mãe, grávida de mim, com um minivestido azul arrojado e um par de saltos altos. Tem o cabelo solto e livre nas costas. Está encostada a um carro, a olhar para o fotógrafo, o meu pai, o tipo de olhar íntimo que me faz querer afastar-me para lhes dar alguma privacidade. Pôs essa fotografia no álbum, apesar de ser uma das pessoas mais reservadas que conheço. Queria que eu visse esta linda imagem, para saber que ela e o meu pai sempre se amaram.

Estas fotografias mais antigas estão no álbum há tanto tempo que estão coladas às páginas. Se tentasse tirar as fotografias, estragá-las-ia.

Todas as minhas fotografias em criança com os meus pais os retratam a sorrir para mim como se eu fosse o centro do seu mundo. E era. E sou. Esta é uma parte da minha verdade que conheço com toda a clareza — tudo o que é bom e forte em mim começa com os meus pais, absolutamente tudo. Quase todas as minhas fotografias de criança me mostram a sorrir, um sorriso tão contagioso que, quando olho para elas, não consigo deixar de sorrir também. Há bebés felizes e há bebés felizes. Eu era um bebé feliz. Disso não há a menor dúvida.

Os bebés são bonitos, mas não servem para nada, diz a minha melhor amiga. Não podem fazer muito por si próprios. Temos de os amar durante essa inutilidade. Nas fotos em que estou sozinha, estou a ser amparada pelo braço de uma cadeira ou por algumas almofadas. Há uma fotografia em que estou sozinha, num sofá vermelho de brocado grosso e horrível, a gritar a plenos pulmões. Há mais do que uma fotografia minha a gritar. As fotografias de bebés a gritar são hilariantes quando sabes que são fotografias de bebés felizes que estão simplesmente a ter um ataque fortuito de raiva de bebé. Olho para estas fotografias de bebés e penso: «Pareço a minha sobrinha», mas na verdade é a minha sobrinha mais nova que se parece comigo. A família é poderosa, não importa o que aconteça. Estamos sempre

ligados pelos nossos olhos e lábios, pelo nosso sangue e pelos nossos corações. Quando eu tinha três anos, nasceu o meu irmão Joel. Há fotografias dele, castanho e redondo, com uma cabeça cheia de cabelo, sentado ou de pé ao meu lado.

Enquanto adulta, já percorri estes álbuns inúmeras vezes. Tenho tentado recordar. No início, procurei fotografias para mostrar a um filho: «É daqui que tu vens», para que, quando eu tiver esse filho, ele saiba que a família dele sabe amar, mesmo que imperfeitamente, para que saiba que a sua mãe sempre foi amada e para que saiba que ele, por sua vez, será sempre amado. É importante mostrar amor a uma criança de muitas formas, e esta é a única coisa boa que tenho para oferecer, seja qual for a forma como esta criança entra na minha vida. Também estudo as fotografias, as pessoas nelas; recordo os nomes e os lugares, os momentos que importam, muitos dos quais me escapam. Tento juntar as memórias que apaguei com tanto cuidado. Tento perceber como é que passei de criança, nesses momentos perfeitos fotografados, para o que sou hoje.

Sei, com precisão, e no entanto não sei. Sei, mas acho que o que quero mesmo é perceber o porquê da distância entre o antes e o agora. O porquê é complicado e fugidio. Quero ser capaz de segurar o porquê nas mãos, dissecá-lo ou rasgá-lo ou queimá-lo e ler as cinzas, apesar de ter medo do que vou fazer com o que lá vejo. Não sei se tal compreensão é possível, mas quando estou sozinha, sento-me e folheio lentamente estes álbuns de forma obsessiva. Quero ver o que lá está e o que falta e o que aconteceu, mesmo que o porquê ainda me escape.

Há uma fotografia minha. Tenho cinco anos. Tenho olhos grandes e um pescoço magro. Estou a olhar para uma máquina de escrever de plástico deitada num sofá, de barriga para baixo, com os tornozelos cruzados, provavelmente a sonhar acordada. Sempre sonhei acordada. Já nessa altura, era escritora. Desde muito cedo, desenhava pequenas aldeias em guardanapos e escrevia histórias sobre as pessoas que viviam nessas aldeias. Adorava o escape de escrever essas histórias, de imaginar vidas diferentes da minha. Tinha uma imaginação feroz. Sonhava acordada e não gostava que me tirassem dos meus devaneios para me ocuparem com as coisas da vida. Nas minhas histórias, podia escrever

para mim os amigos que não tinha. Podia tornar possíveis tantas coisas que não me atrevia a imaginar para mim. Podia ser corajosa. Podia ser inteligente. Podia ser divertida. Podia ser tudo o que sempre quis. Quando escrevia, era tão fácil ser feliz.

Há uma fotografia minha. Tenho sete anos; estou feliz, de macacão. Quando era pequena, usava muitos macacões. Gostava deles por diversos motivos, mas sobretudo porque tinham muitos bolsos onde podia esconder coisas e porque eram complicados e tinham muitos botões e coisas que precisavam de ser apertadas. Faziam-me sentir segura, aconchegada. Provavelmente numa em cada três ou quatro fotografias desse período, estou a usar macacões. É estranho, mas eu era estranha. Nesta fotografia específica, estou com o meu irmão Joel e ele está a dar-me pontapés de karaté enquanto eu tento evitar o seu pezinho. Ele era e é muito enérgico. Temos três anos de diferença. Estamos a divertir-nos. Ainda somos muito chegados. Éramos miúdos giros. Mata-me ver esse tipo de alegria nua e crua em mim. Dava quase tudo para voltar a ser assim tão livre.

Quando eu tinha oito anos, nasceu o meu irmão Michael Jr., e então éramos três em todas as fotografias, muitas vezes amontoados ou de mãos dadas enquanto olhávamos para a câmara.

Por muito que escrevesse, perdia-me ainda mais nos livros. Lia tudo a que conseguia deitar a mão. Os meus livros preferidos eram os da coleção *Uma Casa na Pradaria*. Adorava a ideia de que Laura Ingalls, uma rapariga normal das planícies, pudesse viver uma vida normal e extraordinária num tempo tão diferente do meu. Adorava todos os pormenores dos livros — o pai a levar laranjas deliciosas para casa, a fazer doces na neve com xarope de ácer, os laços partilhados pelas irmãs Ingalls, o facto de chamarem minorca a Laura. À medida que as meninas Ingalls cresciam, adorei a rivalidade de Laura com Nellie Oleson e o seu cortejo com Almanzo Wilder, que acabaria por se tornar seu marido. Fiquei sem fôlego quando li sobre os primeiros anos do seu casamento como proprietários rurais, suportando as tarefas de cultivar e criar a sua filha, Rose. Desejava esse tipo de amor estável e verdadeiro para mim, e queria uma relação em que pudesse ser independente, mas amada e cuidada ao mesmo tempo.

Quando acabei com *Uma Casa na Pradaria*, li tudo o que era de Judy Blume. Aprendi sobretudo sobre sexo no seu romance *O Primeiro Amor...* e, durante muitos anos, pensei que todos os homens chamavam «Ralph» ao seu pénis. Lia livros sobre raparigas aventureiras que procuravam ouro na Califórnia e sobreviviam às provações e tribulações do caminho de carroça. Fiquei intensamente obcecada com a rivalidade amorosa de Jessica e Elizabeth Wakefield na idílica cidade californiana de Sweet Valley. Li *O Clã dos Ursos das Cavernas* e aprendi que o sexo podia ser muito mais interessante do que os enrolanços juvenis de Katherine e Michael em *O Primeiro Amor* tinham indicado. Lia e lia e lia. A minha imaginação expandiu-se infinitamente.

Há inúmeras fotografias minhas a usar saias e vestidos, fotografias em que sou uma rapariga feminina com cabelo comprido e penteado, jóias, a fazer o papel de princesa bonita. Durante muito tempo pensei que era uma maria-rapaz porque era a única rapariga da minha família. Por vezes, tentamos convencer-nos de coisas que não são verdadeiras, reenquadrando o passado para melhor explicar o presente. Quando olho para estas fotografias, torna-se claro que, embora gostasse de brincar com os meus irmãos e com a terra, não era totalmente uma maria-rapaz, não realmente.

Brincava com bonecos do G.I. Joe e construía fortalezas no terreno baldio ao lado da nossa casa e brincava no bosque nos limites do nosso bairro, porque os meus irmãos eram os meus companheiros de brincadeira. Na maior parte do tempo, os meus irmãos eram os meus melhores amigos, além daqueles que encontrava nos livros. Nós os três dávamo-nos bem, exceto quando discutíamos e, oh, sabíamos discutir, sobretudo o meu irmão Joel e eu. Discutíamos por tudo e por nada e depois fazíamos as pazes e arranjavamos problemas. O bebé, Michael Jr., era tão mais novo que geralmente participava de bom grado nas nossas brincadeiras. Quando não era nosso cúmplice, era alvo de pequenas crueldades, como quando o mandávamos descer as escadas da cave num cesto da roupa suja ou o atormentávamos com uma aranha de plástico ou, pior do que tudo, ignorávamos o seu desejo de brincar connosco. De alguma forma, apesar de tudo, ele adorava-nos, e eu e o Joel sentimos o brilho da sua adoração.

Estas fotografias dos álbuns da minha infância são artefactos de um tempo em que eu era feliz e completa. São provas de que, outrora, eu era bonita e, por vezes, doce. Por baixo do que se vê agora, ainda existe uma rapariga bonita que gosta de coisas de raparigas bonitas.

Nestas fotografias, envelheço. Sorrio menos. Mas continuo a ser bonita. Aos doze anos, deixo de usar saias, a maior parte das joias ou de fazer qualquer coisa com o meu cabelo, usando-o para trás num carapito apertado ou num rabo de cavalo. Continuo a ser bonita. Alguns anos depois, corto a maior parte do meu cabelo e começo a usar roupa masculina de tamanho grande. Sou menos bonita. Nestas fotografias, olho fixamente para a câmara. Pareço vazia. Estou vazia.